

## Fernando Molica

### Um escândalo master

O pouco que ainda se sabe das irregularidades ligadas ao Banco Master indica que se trata de outro caso com raízes (e tronco, galhos e folhas) no universo político. Só com muitas e amplas ligações com políticos de diferentes matizes ideológicos que Daniel Vercaro conseguiria criar, manter e expandir uma instituição que demonstrou ser tão frágil.

Episódios como o do Master revelam o erro de se ver a política principalmente com ênfase em conceitos como direita e esquerda. Não que essas definições sejam inúteis, que não ajudem na compreensão de linhas gerais do mundo institucional: Lula é diferente de Jair Bolsonaro; Fernando Haddad e Paulo Guedes têm profundas diferenças.

Mas limitar conflitos a questões ideológicas ajuda a esconder um submundo, as infinitas teias e conexões de interesses que viabilizam tantas negociatas, alimentam lobbies poderosos aprovam projetos de lei, colocam jabutis do tamanho de elefantes sobre incontáveis árvores, conseguem incentivos fiscais, arrancam assinaturas de presidentes, governadores e prefeitos.

Apesar de todas as ilegalidades cometidas pelos responsáveis pela Operação Lava Jato, contaminada por um evidente viés de perseguição político-partidária, a apuração do chamado Petrolão revelou um pouco da política como ela é, como é praticada há décadas ou séculos entre nós.

O caso Master parece ser, assim, exemplar. Como bem definiu Arminio Fraga, ex-presidente do Banco Central, o escândalo é “uma história realmente incrível que atinge aos quatro cantos da República e os quatro cantos não republicanos”. Talvez o único erro do diagnóstico seja a limitação representada pelo uso do número quatro.

Assim, de longe, dá para notar a existência de indí-

cios de irregularidades relacionadas a governadores e parlamentares de diversos partidos, inclusive de gente que ainda não foi citada. Há também respingos que chegam a salpicar de suspeitas o chão do Poder Judiciário.

Vale ressaltar que, pelo menos até agora, não se sabe de nenhuma empresa privada que tenha tomado um prejuízo monumental com a quebra do Master, os micos gigantes concentram-se nas florestas da área pública.

Por razões que não são difíceis de adivinhar, empresários foram cautelosos, e, diferentemente de administradores públicos, não se iludiram com as generosas promessas de remuneração oferecidas por Vercaro; não caíram na tentação, trataram de amarrar seu dinheiro nos mastros, evitaram a sedução dos tubarões fantasias dos de sereias.

O beabá do mercado manda desconfiar de quem oferece remuneração muito alta para seus papéis. Isso vale para países e para bancos. Quem arriscaria sua grana na compra, hoje, de eventuais títulos emitidos pela Venezuela, mesmo diante da promessa de pagamento de elevadíssimas taxas de juros?

Mancomunado com diversas instituições financeiras, o Master saiu por aí oferecendo lucros espetaculares para quem topasse comprar seus CDBs. Confiantes no Fundo Garantidor de Créditos — que afiança investimentos de até R\$ 250 mil —, muitas pessoas físicas toparam adquirir os tais papéis (até agora, não honrados). Mas investidores pesados colocaram os dois pés atrás, com exceção de governadores e prefeitos, que administram dinheiro que não é deles.

O caso do Master é grave demais para não ser apurado, a operação-abafa conduzida por muita gente importante em diversas esferas não pode prosperar. A Polícia Federal e o Ministério Público Federal têm a tarefa de mostrar que não escolhem seus alvos.

## Tales Faria

### Ministros do TCU e senadores esperam recuo do relator do caso Master

Na volta do recesso da Corte, em meados de fevereiro, o relator do caso do Banco Master no Tribunal da União (TCU), ministro Jhonatan de Jesus, deverá propor o arquivamento das investigações sobre a atuação do Banco Central.

Essa é a impressão que ele e o presidente da Corte, Vital do Rego, passaram aos colegas, depois que o caso provocou um racha entre ministros e senadores devido à sua repercussão na imprensa.

O Correio da Manhã revelou nesta quarta-feira, 7, que a tentativa de abrir a caixa preta do Banco Master pelo TCU está causando um rebuliço envolvendo figuras da Faria Lima, do BC e do meio político.

O que deveria ser um processo sumário, guardado a sete chaves pelo Banco Central, está tendo desdobramentos imprevistos pelas autoridades monetárias, que, segundo avaliação do Congresso, se colocavam acima do dever de dar explicações dos seus atos.

O rebuliço foi tão grande que senadores ligados aos ministros do TCU afirmam reservadamente que Jhonatan deverá argumentar no plenário da Corte de Contas ter feito um levantamento preliminar e concluído que não há mais necessidade de aprofundar as investigações sobre a atuação do BC.

O ministro virou alvo de pressões depois que pediu aprofundamento das investigações. O senador Alessandro Vieira (MDB-SE) chegou a protocolar uma representação à Procuradoria-Geral da República (PGR) em que solicita apuração da conduta do relator da liquidação do Banco Master. Vieira acusa Jhonatan de cometer abuso de autoridade.

Jhonatan é um médico de 43 anos e ex-deputado federal pelo Republicanos de Roraima. Filho do senador Messias de Jesus, foi indicado para o TCU na vaga que

cabia ao Congresso. Tomou posse em março de 2023.

Na verdade, o que circula no TCU e no Senado Federal é que o ministro, recente no cargo, teria sido incentivado a intervir no BC pelo presidente do Tribunal, Vital do Rego. Mas sua atuação provocou um racha não só no Senado. Também entre os seus colegas no TCU, o que estaria levando o próprio Vital a recuar, sem, no entanto, admitir que não é atribuição do Tribunal investigar o BC.

Vital defendeu essa atribuição de fiscalizar o BC em uma mensagem enviada aos colegas. Mas sentiu que, se o caso for colocado em votação no plenário, poderá ser desautorizado como presidente da Corte. Daí por que teria aconselhado Jhonatan, nos bastidores, a recuar.

Se o relator de fato irá recuar, como dizem alguns senadores e ministros, é preciso esperar para ver. Mas a verdade é que Jhonatan ecoou até mesmo movimentos do Supremo Tribunal Federal (STF).

O ministro do STF Dias Toffoli convocou acareação entre o dono do Banco Master, Daniel Vercaro, e o ex-presidente do Banco Regional de Brasília (BRB) Paulo Henrique Costa, além da oitiva do diretor de Fiscalização do BC, Ailton de Aquino Santos. Toffoli também provocou polêmica no mercado financeiro.

O BC sentiu o golpe e apresentou recurso ao próprio TCU, argumentando que a inspeção precisava ser aprovada pelo colegiado da Corte, e não por um ministro individualmente.

A verdade é que, durante um bom período, o Master foi, como disse Claudio Magnavita aqui no Correio da Manhã, “o pote no fim do arco-íris para as plataformas de investimento, como a XP, e agora virou o patinho feio do mercado”. Isso pode explicar o motivo de tanta polêmica.

## Leonardo Boff\*

### Pensar o impensável: a vida e o tempo

Há que considerar a vida, o valor supremo, acima do qual só há o Gerador de toda vida, aquele Ser que faz ser todos os seres. Os cientistas, especialmente o maior deles que se ocupou com o tema da vida, o russo-belga Ilya Prigogine afirmou: podemos conhecer as condições físico-químico-ecológicas que permitiram o irromper a vida há 3,8 bilhões de anos. O que ela seja, no entanto, permanece um mistério.

Mas se não podemos compreender o que é a vida, podemos, no entanto, conferi-lhe um sentido. O sentido da vida é viver, simplesmente viver, mesmo na mais humílima condição. Viver é realizar, a cada momento, a celebração desse evento misterioso do universo que pulsa em nós e quicá em muitas outras partes do universo.

A vida é sempre uma vida com e uma vida para. Vida com outras vidas, com vidas humanas, da natureza e com vidas que por acaso existirem no universo e que um dia puderem se comunicar conosco. E vida é para dar-se e unir-se a outras vidas para que a vida continue vida e sempre possa se reproduzir.

A vida é tomada por uma pulsão interior que não pode ser freada. A vida quer irradiar, se expandir e se encontrar com outras vidas. A vida é só vida quando é vida com e vida para.

Sem o com e sem o para a vida não existiria como vida assim como a conhecemos, envolta em redes de relações includentes e para todos os lados.

A pulsão irrefreável da vida faz com que ela não queira só isso e aquilo. Quer tudo. Quer até a Totalidade, quer o Infinito. No fundo, a vida quer ser eterna como ponderava Nietzsche.

Ela carrega dentro de si um projeto infinito. Este projeto infinito a torna feliz e infeliz. Feliz porque encontra, ama e celebra outras vidas e tudo o que está ao seu redor, mas é infeliz porque tudo o que encontra, ama e celebra é finito, lentamente se desgasta, cai sob o poder da entropia e acaba desaparecendo. Apesar dessa finitude em nada enfraquece a pulsão pelo Infinito e pelo Eterno.

Ao encontrar esse Infinito repousa, experimenta uma plenitude que ninguém lhe pode dar, mas que só ela pode desfrutar e celebrar. O infinito em nós é o eco de um Infinito maior que sempre nos chama e nos convoca.

A vida é inteira, mas incompleta. É inteira porque dentro dela está tudo: o real e o potencial. Mas é incompleta porque o potencial, ainda no espaço-tempo, não se fez real. E como o potencial é ilimitado, a vida limitada não comporta o ilimitado. Por isso nunca se faz completa para sempre. O ser humano é um ser desequilibrado. Mas permanece como abertura e espera para uma completude que quer e deve, um dia, acontecer. É um vazio que reclama ser

plenificado. Caso contrário a vida não teria sentido. Não seria a morte o momento de encontro do finito com o Infinito?

A nossa vida se dá sempre no tempo. Que é o tempo? Ninguém soube até hoje defini-lo nem os mais argutos pensadores como Santo Agostinho e M.Heidegger. Ousaria dizer: o tempo é a espera daquilo que pode vir a acontecer. Essa espera é a nossa abertura, capaz de acolher o que pode vir. Esse hiato seria o tempo.

Há que se viver intensamente cada momento do tempo! O passado já não existe porque passou, o futuro não existe porque ainda não veio. Só existe o presente. Viva-o com absoluta intensidade, valorize cada momento, ele traz o futuro para o presente e enriquece o passado.

Cada momento é a irrupção do eterno. Explico: o presente só pode ser vivido. Não pode ser apreendido, aprisionado e apropriado. Só ele é. Um dia foi (o passado) e um dia será (o futuro). Do tempo nós só conhecemos o passado. O futuro nos é inacessível porque ainda não é. Nós, no entanto, vivemos o “e” do presente que nunca nos é concedido prendê-lo. Ele simplesmente passa por nós e se vai. Ele possui a natureza da eternidade que é um permanente “e” O tempo assim significa um momento da presença fugaz da eternidade. Nós estamos imersos na eternidade porque estamos imersos no tempo presente.

Há que se viver esse “e” como se fosse o primeiro e o último. Assim a pessoa, de certo modo, se eterniza. E eternizando-se participa Daquele que sempre é sem passado nem futuro: a essência da divindade.

Podemos falar do tempo, mas ele é impensável. Precisamos do tempo para pensar o tempo. Esse é um momento do eterno que está vinculado ao que as tradições espirituais e religiosas da humanidade designaram como Mistério, Tao, Shiva, Alá, Olorum, Javé, Deus, nomes que não cabem em nenhum dicionário e estão para além de nosso entendimento. Diante dele afogam-se as palavras. Só o nobre silêncio é digno.

Mesmo assim cada um participa, pelo presente fugidivo, da natureza do Divino, mesmo que nem tenha consciência dele. Ao imergir na consciência, rende-se à essa suprema Realidade. Dá-lhe o nome que expressa sua participação n'Ele. Esse nome fica inscrito em todo o seu ser presente, mas principalmente pulsa em seu coração. Então o seu coração e o coração d'Aquele que eternamente é, formam um só e imenso coração: é o Todo em sua plenitude.

**\*Leonardo Boff é teólogo e filósofo e escreveu Tempo de Transcendência: o ser humano com projeto infinito, Vozes 2009; com Anselm Grün, O Divino em nós, Vozes 2017; com Frei Betto. Mística e espiritualidade, Vozes 2010.**